

**COMPORTAMENTO**



**Extinção e descoberta: o chefe Tarurim, acima, e índios que receberam Cabral**

# Os pataxôs e seu destino

Desde que viram pela primeira vez o homem branco, ainda nos tempos em que os primeiros bandeirantes chegaram ao norte de Minas, os índios pataxôs passaram a ter uma vida difícil. Obrigados a abandonar a região dos rios Jequitinhonha, Mucuri e Araçuí, que ocupavam primitivamente, foram levados ao Parque Nacional de Monte Pascoal, no sul da Bahia, próximo ao local onde aportou Pedro Álvares Cabral. Mas nem lá encontraram a paz que lhes fora prometida antes da mudança. Atendendo a reclamações do Ministério da Agricultura, que deseja preservar as florestas existentes na área, a Funai tenciona transferi-los para Santa Cruz Cabrália, a alguns quilômetros dali, em cujas terras áridas só a teimosa piaçava conseguiria germinar.

No começo de junho, temendo que os agasalhos existentes na tribo fossem insuficientes para enfrentar as chuvas e o frio do inverno, o chefe Tarurim — que também atende pelo nome luso-brasileiro de Rufino Vicente Ferreira — e seu primo Domingos Brás foram a Salvador pedir auxílio às autoridades. Vestindo roupas velhas e calçando sandálias japonesas, os dois intrépidos pataxôs percorreram 12 léguas (72 quilômetros) a pé, pela praia, até a cidade de Porto Seguro, onde tiveram que vender arcos

de pati e colares de conchas para comprar as passagens de ônibus.

**Miserável realidade** — Embora tenham conseguido mais do que pretendiam — retornaram ao Parque de Monte Pascoal levando 600 quilos de roupas, caixas de cobertores, duas redes tamanho família e um sem-número de promessas —, a viagem dos dois emissários alterará muito pouco a realidade miserável de sua gente. A tribo e seus bens estão reduzidos a cinco índios considerados “puros”, trezentos mestiços, um magro cavalo alazão (de Tarurim), uma dúzia de porcos, duas de galinhas e três cachorros. Quase não lembram os índios “pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos”, que Pero Vaz de Caminha encontrou na mesma região.

Os adultos andam descalços, alguns com o peito nu e calças surradas de algodão. As crianças, quase sempre nuas, mostram as barrigas inchadas pelos vermes. A aldeia tem um correio, uma igreja azul, uma farmácia, um armazém e nove palhoças. O farmacêutico João Nascimento nunca quis ser cacique, mas é respeitado pela idade e fama de “curador”. Apesar de analfabeto, os anos de prática deram-lhe um invejado domínio do ofício: sabe de cor o no-

me de todos os remédios de que dispõe e conhece a medicação exata contra “dissenterias de caranguejo, resfriados acompanhados de tosse, asma e vermes”. Também índio, o comerciante Vitorino, embora tenha afixada na porta a lei que proíbe vender bebidas alcoólicas aos de sua raça, abastece a tribo não apenas com cachaça, mas põe à sua disposição um farto sortimento de sardinhas enlatadas, fósforos, charutos, espelhos, fitas coloridas e o procuradíssimo óleo para lamparinas.

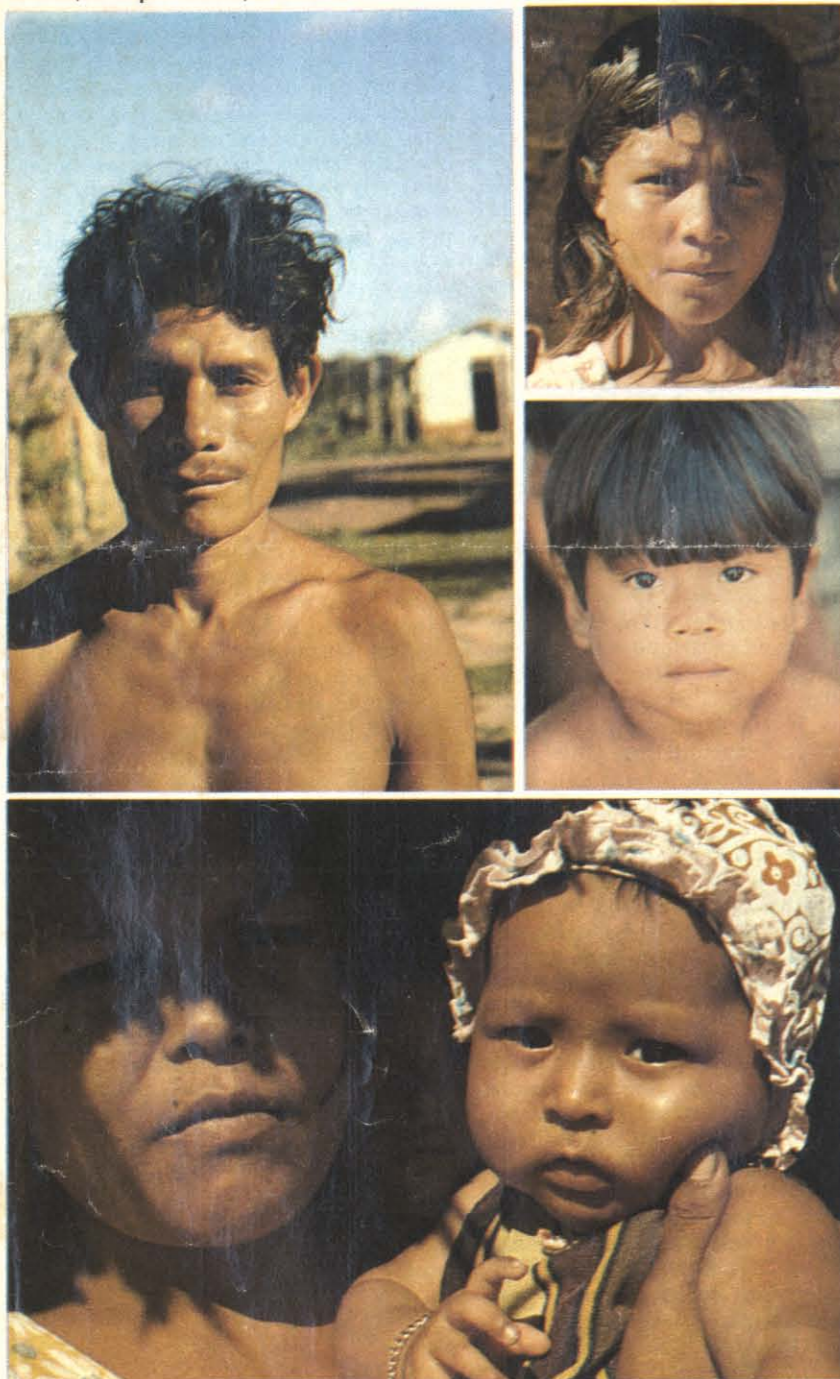
**O dia do fogo** — Despojados da cultura primitiva, esquecidos de sua língua e da maioria de seus heróis, os pataxôs só têm memória para recordar, com visível temor, os acontecimentos do que chamam “o dia do fogo”. Ocorrido em 1951, “o fogo” matou as últimas esperanças da tribo de conseguir dias melhores. Honório, o então chefe da aldeia, regressara de Salvador “com as idéias mudadas”. “Esta terra em que moramos é pequena para nós”, afirmou ele logo ao chegar. Mas até hoje os pataxôs não sabem explicar o que provocou a sua transformação de índio pacato e obediente em inquieto guerreiro. Lembram apenas que com Honório haviam voltado dois brancos estranhos, que lhes deram aula sobre como cortar fios telegráficos e “retomar” o Brasil dos “invasores” europeus. Esqueceram-se de avisar, entretanto, que a fazenda do sossegado velho Teodomiro, vizinha do Parque, não era todo o Brasil. E que a segunda lição de História seria dada a eles pelas armas de fogo de uma tropa federal.

Segundo os cálculos da índia Josefa Ferreira (quase todos são Ferreira), mais de quinze índios morreram naquele dia, sem contar os “fugidos e aleijados”.

Aparentemente, na assistência aos pataxôs, a Funai tem feito o que pode. Pelo menos já vai longe o tempo em que os índios eram escorraçados a bala pelos guardas florestais, descontentes com a sua permanência na área. A transferência para Santa Cruz Cabrália estaria sendo adiada por estudos sobre os prejuízos que poderá causar à tribo uma nova mudança contra a sua vontade. O esforço quase solitário do sertanista Leonardo Machado e sua mulher, a enfermeira Concita, “chefes de campo” do Parque, tem evitado que os vermes, a avitaminose e a gripe aumentem o número de cruzes no cemitério local, ao lado da igreja azul. Há esperanças, até de que o casal consiga reconstituir alguns usos e costumes da tribo que, segundo os mais velhos, sobreviveram “até o dia do fogo”.

*Nas duas páginas seguintes, os pataxôs e sua aldeia, no Parque de Monte Pascoal*

Em sua carta a Portugal, Pero Vaz falava de nativos "tão limpos, tão gordos e tão formosos que não pode ser mais". No mesmo lugar, vivem hoje os Pataxós, numa aldeia onde tudo é pobre: a vida, as casas, as pessoas, o cemitério



FOTOS DE JOSÉ MARTINS

